
**"Escrever um currículo é um pouco como escrever uma lei".
Entrevista com Muriel Darmon, Presidente da Associação
Francesa de Sociologia**

**"Writing a school curriculum is a bit like writing a law".
Interview with Muriel Darmon, president of the French
Sociology Association**

Igor Martinache

Universidade de Paris;
Doutor em Ciência política pela
Universidade de Lille (França).
E-mail: igor.martinache@u-paris.fr

Resumo

Embora a estrutura do Liceu Francês tenha sido profundamente modificada, com a abolição da série existente e um bacharelado em parte sob avaliação contínua, os currículos tiveram que ser reescritos novamente nos últimos anos. Assim, foram criados grupos de trabalho em cada disciplina, reunindo "especialistas", professores de liceu e inspetores. Muriel Darmon, presidente da Associação Francesa de Sociologia (AFS), participou do grupo responsável por reescrever os currículos de ciências econômicas e sociais e relembra esta experiência e as tensões inerentes com uma perspectiva sociológica.

Palavras-chaves: Sociologia. Currículos escolares. Políticas escolares. Ensino. Economia

Abstract

While the structure of the French Lycée has been profoundly modified, with the abolition of the existing series and a baccalaureate partly under continuous assessment, the curricula have had to be rewritten again in recent years. Working groups have therefore been set up in each subject area, bringing together "experts", lycée teachers and inspectors. Muriel Darmon, President of the French Sociology Association (AFS), has thus participated in the group responsible for rewriting the economic and social science curricula and looks back on this experience and the inherent tensions with a sociological perspective.

Keywords: Sociology. School programmes. Educational politics. Teaching. Economics.

Biografia

Muriel Darmon é Diretora de Pesquisa no *Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)* na França, ligado ao Centro Europeu de Sociologia e Ciência Política (CESSP). Seu trabalho se concentra nos processos de socialização: ela analisa a formação e a transformação de disposições e hábitos em vários campos, com um interesse particular pelas sociologias da juventude, do corpo e da saúde. Ela reconstruiu assim uma carreira inexorável e seu espaço social, observou grupos comerciais ou estudantes em aulas preparatórias para as grandes écoles, e agora está se dedicando a uma etnografia de serviços de reabilitação pós-choque. Ela também é membro dos conselhos editoriais das revistas *Sociétés contemporaines*, *Socio-Logos* (publicada pela AFS), *Teoria Sociológica* (publicada pela Associação Sociológica Americana), *International Sociology Reviews* (publicada pela Associação Sociológica Internacional) e *Sociologia* (publicada pela Associação Sociológica Britânica) e ensina na *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS)* e na Universidade de Paris 1-*Panthéon-Sorbonne*.

Desde 2017, Muriel Darmon ocupa o cargo de Presidente da Association Française de Sociologie e, nessa qualidade, ela faz parte do grupo de redação dos currículos do ensino médio de ciências econômicas e sociais (SES) recentemente introduzidos na França. Uma experiência à qual ela retorna nesta entrevista.

Igor Martinache: Como você foi contatada para fazer parte deste grupo de trabalho para reescrever o currículo das Ciências Econômicas e Sociais (SES)? Você teve alguma hesitação? E se sim, por quê?

Muriel Darmon: Foi o presidente da associação de professores da SES (APSES), a maior associação na disciplina, que me contatou, explicando que o grupo de especialistas estava sendo criado. Penso que ele procurava que todas as disciplinas estivessem bem representadas, mas também pessoas que estavam em sintonia com a concepção desta disciplina por esta associação de professores. E o fato de eu ter sido presidente da Associação Francesa de Sociologia (AFS) também deve ter parecido interessante para eles. De minha parte, eu não estava de modo

algum consciente de que este grupo tinha sido criado. Na verdade, eu mesma não fiz ciências sociais no Ensino Médio, exceto no segundo ano porque era obrigatório na época, mas conhecia bem o assunto porque meu pai o ensinou por décadas. Ele foi uma das primeiras gerações de professores das SES. Portanto, as ciências sociais no ensino médio são algo muito importante para mim e eu conhecia esta disciplina bastante especial com economia, sociologia, ciência política hoje, e, no passado, muita antropologia, assim como os debates que a rodeavam. Esta disciplina, por direito próprio, que é um pouco mais do que a soma de suas partes, despertou em mim um forte interesse e é verdade que eu poderia não ter reagido de outra forma. Depois, fiz algumas pesquisas sobre a carga de trabalho envolvida e aprendi que o trabalho levaria um ano e decidi que valia a pena. Como presidente da AFS, eu também disse a mim mesma que esta era uma das coisas que eu havia sido eleito para fazer: defender o lugar da sociologia dentro deste conglomerado de disciplinas. É um aspecto corporativo, mas há sempre a questão dentro das SES no Ensino Médio: se foi uma disciplina por direito próprio ou uma reunião de diferentes disciplinas. E, se for um encontro de disciplinas, qual é a relação entre economia e sociologia? Os estudantes às vezes falavam disso, pelo menos quando fui estudante, de "economia", da série "eco". Não sei se sou daquelas que consideram que as SES deveriam ser uma disciplina onde não se vê mais os componentes – economia, sociologia, etc. –, mas, em todo caso, tenho certeza de que sou daquelas que não querem que seja apenas economia... No mínimo, é economia e sociologia!

Portanto, foi também uma motivação e foi por isso que eu aceitei. Assim, escrevi uma carta oficial de solicitação à diretriz do Conselho Superior de Programas (CSP), a filósofa Souâd Ayada. Eu sabia que a APSES havia contatado várias pessoas para se candidatarem também, mas pensei que tinha uma carta para jogar, explicando porque seria uma boa recruta para este grupo de trabalho e passei algum tempo pensando sobre os argumentos. Além da presidência da AFS, destaquei o fato de ter sido treinada tanto em economia quanto em sociologia, de ter feito mestrado em ambas as disciplinas, de ser uma “agrégée”¹ nas SES, ou seja, de ter passado por uma competição para ensinar esta disciplina na escola secundária.

¹ A agrégation é um concurso de recrutamento de professores do Ensino Médio na França rodeado de um certo prestígio porque é mais competitivo que os outros, e que a maioria dos estudantes da École Normale Supérieure prestam, mesmo que depois eles continuem sua carreira na universidade.

Acho que também falei de meu pai e da familiaridade com a disciplina, e acho que escrevi que era socióloga social e que este era um tema que estava muito presente no currículo do Ensino Médio. A ideia era mostrar que eu não era uma espécie de especialista que não tinha noção do que estava sendo feito no colegial, mas que eu poderia dar uma contribuição útil a esses programas. Por isso, escrevi uma carta de candidatura real. Isso resultou em uma resposta bastante rápida e positiva – eu também tinha apresentado qualificações escolares do tipo agrégé normalienne, porque no sistema francês de Educação Nacional isso nunca faria nenhum mal! Eu tinha realmente pensado nisso como se no final eu tivesse negociado um campo de pesquisa. E assim tudo correu bem, fui muito bem recebida, e – algumas semanas depois recebi a confirmação de que me pediram oficialmente para fazer parte deste grupo.

Igor Martinache: Quem eram os outros membros, sem entrar em muitos detalhes? E a composição do grupo parecia equilibrada para você?

Muriel Darmon: Equilibrada, depende de qual critério. Havia vários grupos neste comitê. Afundar em termos de legitimidade na Educação Nacional: entre os especialistas em disciplina, havia pessoas que pertenciam ao Collège de France – uma instituição muito específica da França: o economista Philippe Aghion, que havia sido destacado pela imprensa como líder deste grupo, e o sociólogo Pierre-Michel Menger. Havia a inspeção SES, composta de quatro representantes, dois dos quais eram pilotos. O grupo foi coordenado por quatro dirigentes, que eram os dois professores do Collège de France e dois dos inspetores gerais das SES. Depois, havia dois outros grupos de pessoas: um grupo de especialistas disciplinares – economistas, sociólogos e políticos em menor número – e um grupo de professores do Ensino Médio, que foram os primeiros interessados nestes novos programas porque teriam que ensiná-los. Assim, havia vários tipos de situações institucionais: a hierarquia de que eu estava falando com os dirigentes e o resto do grupo, especialistas em disciplina, professores do Ensino Médio, e tudo isso era dirigido por membros do Conselho Superior de Programas, mas que no final vimos muito pouco. Souâd Ayada veio logo no início e nos leu a carta de missão do Ministro da Educação

Nacional, um momento muito surpreendente para mim que não tinha percebido no início a diferença entre este grupo de trabalho e a autonomia científica a que estou acostumada. Os membros do CSP vieram especialmente no início, mas o grupo foi acompanhado um pouco mais por [o cientista político] Philippe Reynaud, do CSP, que falou um pouco sobre ciência política em particular... Sobre a questão do equilíbrio desta composição, há duas coisas que me impressionaram: a primeira dizia respeito ao número relativamente pequeno de professores no Liceu, de fato – e isto me pareceu muito francês – estávamos no processo de fazer programas do Liceu, e havia apenas quatro pessoas que eram especialistas em seu ensino diário. Mesmo entre os especialistas, acadêmicos ou pesquisadores, à exceção de uma exceção, se bem me lembro, nenhum deles estava lidando com estudantes universitários de primeiro ano de forma rotineira. Eu costumava lecionar no primeiro ano da universidade, mas isso não acontecia comigo há muito tempo.

O segundo desequilíbrio foi em termos de gênero. Havia uma paridade aparente no grupo, mas isso foi conseguido pelo fato de que entre os especialistas havia apenas homens, exceto uma mulher, e entre os professores do Ensino Médio havia apenas mulheres, exceto um homem. Portanto, foi uma paridade que não impediu certas formas de dominação, que se articulou com as outras formas de hierarquias e legitimidade no grupo... Mas isso não impediu que as questões de gênero estivessem relativamente presentes nos programas.

Igor Martinache: Havia um método de trabalho estabelecido desde o início? Se sim, o que foi e se evoluiu com o tempo?

Muriel Darmon: Sim e sim. Houve desenvolvimentos em diferentes pontos, por exemplo, trabalhando em grupos plenários ou em pequenos grupos. Começamos a operar em sessões plenárias o tempo todo, depois em um ponto, passamos para subgrupos disciplinares, e então finalmente voltamos ao plenário. Uma das razões foi que eu acho que trabalhar em subgrupos disciplinares reduziu a estrutura hierárquica. Quando estávamos entre sociólogos, ou seja, com inspetores que eram mais sociólogos e especialistas em sociologia, tive a impressão de que éramos um pouco mais livres... E isso é algo que não foi mantido. Em segundo lugar, é verdade

que isto também colocou problemas em termos do diálogo geral do grupo que tinha que funcionar como um grupo, e esta divisão em pequenos grupos provocou um curto-circuito em uma discussão coletiva e não poderia, em nenhum caso, ser feita em "contra-interrogatório", onde todas as disciplinas devem ser representadas – mesmo que nem sempre estejam representadas, em minha opinião. Em qualquer caso, não poderíamos ter funcionado de forma disciplinar o tempo todo, mas quando fomos agrupados por disciplina, não havia apenas questões disciplinares: funcionávamos menos como um grupo e éramos menos motivados.

Igor Martinache: Concretamente, como vocês trabalharam juntos? Com que frequência vocês se reuniam, como dividiam as tarefas?

Muriel Darmon: Nós nos reuníamos a cada três semanas, ou a cada mês, e enviávamos muitos e-mails entre as reuniões. As próprias reuniões foram longos dias de trabalho nos quais discutimos propostas que haviam sido enviadas com antecedência. Isto é importante para entender como aconteceu: partimos de propostas que tinham sido feitas por pequenos grupos, que eram um pouco menos hierárquicos do que o grupo como um todo. Por exemplo, participei de um pequeno grupo que fez um certo número de propostas sobre questões sociológicas, embora eu não fosse um dos motoristas e não pertencesse a uma das instituições de maior prestígio entre as representadas. Achei muito interessante a abordagem em pequenos grupos, com todos comentando as propostas por e-mail ou em reuniões plenárias, e isso me deu tempo para refletir e reagir. A única coisa é que as primeiras propostas também tinham uma grande histerese. E então, tudo foi bastante bem definido: partimos do princípio não discutido de que na economia havia muitas coisas a mudar, enquanto na sociologia era principalmente uma questão de atualização do programa. A ordem inicial era, portanto, bastante assimétrica. Não começamos colocando tudo de lado e nos perguntando o que um estudante do segundo ou último ano tem que saber para entrar no primeiro ano na universidade em sociologia ou em economia. Estas são perguntas que podemos ter feito a nós mesmos de tempos em tempos, mas não partimos de uma tábua rasa, mas dos programas antigos. Certamente com perguntas que funcionaram bem com

os estudantes, como relatado pelos colegas do ensino médio, como, por exemplo, questões em torno da socialização.

Partimos de uma base que incluía certos temas, mas também formas de abordá-los, ou seja, com uma ampla entrada disciplinar de um lado, em direção à economia ou à sociologia, e algumas questões cruzadas. Houve algum debate sobre o número de perguntas cruzadas, tendo em mente que os professores têm uma tradição de usar perguntas cruzadas para ajudar os alunos a entender o que são as ciências sociais, enquanto especialistas com uma formação disciplinar mais forte podem querer ter perguntas bem definidas de antemão. Mas eu tinha a impressão geral de que estas perguntas cruzadas não eram tão transversais quanto poderiam ser: havia uma vontade de realizar perguntas cruzadas, mas nem sempre essa ação foi bem sucedida na prática. Às vezes as questões se justapõem ou extraem mais de uma disciplina ou de outra.

Igor Martinache: Esses subgrupos que, portanto, pareciam ter tido uma influência bastante significativa, como surgiram? De forma voluntária, por afinidade, ou prescrita pelos dirigentes do grupo?

Muriel Darmon: Foi sugerido pelos dirigentes. Philippe Aghion, nos dias que antecederam o grupo, havia elaborado uma espécie de especificação com sua visão e aquela que seria a visão do grupo de dirigentes. Assim, ficou claro que ele faria parte desses pequenos grupos e que realmente encarnaria uma força de proposta muito importante. No que diz respeito à sociologia, eu estava muito envolvida e era voluntária (isto foi feito, em primeiro lugar, de forma voluntária). Em seguida, em relação às propostas feitas nesses pequenos grupos, elas foram debatidas, às vezes recusadas. E depois houve uma transformação destes pequenos grupos: havia alguns colegas que pensavam que só trabalhavam coletivamente durante as reuniões e que depois acabaram se juntando a estes pequenos grupos porque todos perceberam que era neste momento que o trabalho de fazer propostas era feito e que tinha muita influência.

Igor Martinache: Então, quantos de vocês faziam parte daquele pequeno grupo do qual participaram?

Muriel Darmon: No início, éramos dois, eu estava com um inspetor geral. Mas era muito pouco em comparação com o coletivo. Então estávamos defasados. Propusemos coisas que nos pareciam muito boas, mas que não se adequavam necessariamente ao resto do grupo. Posteriormente, o subgrupo se tornou maior: éramos na verdade quatro ou cinco, com professores do Ensino Médio mais inclinados à sociologia ou à economia, conforme o caso. Pequenos grupos que eram mais ou menos institucionalizados, de fato menos, foram formados sobre certas questões, muitas vezes através de discussões por e-mail. Como resultado, o trabalho foi colegial, mas em pequenos grupos e por e-mail e depois em grandes grupos e em discussão, com debates às vezes bastante animados, especialmente no início.

Igor Martinache: Como foram resolvidos os desacordos que surgiram: houve negociações, compromissos ou os dirigentes decidiram de forma autoritária?

Muriel Darmon: Tenho a tendência de pensar que correu muito bem, mesmo que eu nem sempre tenha ganhado, longe disso. Houve alguns momentos em que os dirigentes realmente decidiram sobre coisas que outros membros do grupo não concordaram. Portanto, houve um efeito de imposição hierárquica, mas na maioria dos casos, houve discussões reais. No entanto, estas discussões foram baseadas em coisas que foram tomadas como garantidas: por exemplo, o número de questões [a serem tratadas], o fato de que existem partes da economia e partes da sociologia, que existem apenas duas ou três questões cruzadas – estes pontos foram tirados da discussão. Mas sobre a questão do conteúdo, tivemos que discutir, procurar posições de compromisso, e todos “jogaram o jogo”. Havia a ideia de que os colegas professores do Ensino Médio eram os que melhor conheciam os alunos, mas eles nem sempre estavam em uma posição forte para passar certas exigências, como questões de legitimidade. Mas os especialistas, e eu me incluo, tiveram o reflexo corporativo de querer que nossa disciplina fosse tão bem representada quanto possível, de querer que os estudantes aprendessem o máximo possível sobre ela.

Mas tínhamos certa falta de conhecimento em relação aos alunos e pensamos que isso seria fácil de ensinar porque estávamos em um seminário de pesquisa, no segundo ano de Mestrado na EHESS ou em uma universidade nos Estados Unidos...

Deste ponto de vista, colegas professores do Ensino Médio realmente tinham espaço para dizer: "não, isso não é possível", "eles ainda não lidaram com isso em matemática", por exemplo. Ou "esta questão é cientificamente relevante e interessante, mas não temos o material para lidar com ela com os estudantes". Por exemplo, em sociologia, não há material de investigação sociológica fácil que possa ser apresentado aos estudantes para fazê-los entender este ou aquele ponto. E isso é realmente algo que às vezes ajudou o grupo a tomar decisões sobre coisas que alguns especialistas queriam ter no currículo porque são importantes em sua disciplina. Portanto, estas questões têm sido objeto de algumas discussões bastante acaloradas. O outro tipo de discussão que tivemos foi sobre os confrontos entre as correntes dentro de nossas respectivas disciplinas. Isto é algo que surgiu implícita ou explicitamente e foi também um objeto de conflito. Porque houve desacordo sobre qual foi o principal resultado de tal e tal abordagem, o que é importante para os estudantes saberem, e como se formula tal e tal processo. É claro que há debates entre disciplinas, mas também há debates dentro de nossas disciplinas, e nós também fomos testemunhas e atores. Este também é um ponto que deu origem a muita discussão dentro do grupo, com, no que diz respeito à minha disciplina, várias orientações sociológicas representadas – o que é obviamente normal – e tensões, ou digamos debates, como resultado disso sobre o conteúdo ou a redação das perguntas.

Igor Martinache: No que diz respeito mais especificamente à sociologia: como vocês escolheram os temas? Você disse que começou a partir dos programas existentes, mas vocês pensam que havia temas a serem removidos ou substituídos, por exemplo? E dentro dos temas, como vocês escolheram os ângulos através dos quais eles foram abordados, as noções indispensáveis?

Muriel Darmon: Sobre a questão dos temas, partimos muito do que já existia: havia a questão da atualização, ou seja, de confiar nos programas antigos, sem reproduzir questões que não seriam mais centrais para a disciplina ou para a

sociedade. Era uma dialética entre confiar no que já existia e atualizar. Havia perguntas que funcionavam bem e que todos pensavam ser úteis, de todos os pontos de vista: da disciplina para a qual pode ser uma questão de preparar os estudantes do Ensino Médio para o Ensino Superior, mas também de seu conhecimento do mundo social para formar sua cidadania. A questão da socialização, da votação em ciência política, do controle social, por exemplo, foi considerada como trabalhado bem com os estudantes e permitiu que eles questionassem sua inscrição na sociedade. Depois, havia a questão da redação: uma vez selecionada uma pergunta, ou a proposta de um subgrupo ou a forma como ela havia sido escrita no programa anterior, era examinada projetando-a na sala de reunião. Havia um secretário que tomava notas e trabalhávamos juntos em cada mandato. Isso me fez lembrar de como se escreve uma lei. Foi do tipo: "Não, não será socialmente situado, porque não estamos nesse universo teórico". Será "determinado por". "Estamos falando de determinantes sociais ou fatores sociais?". Isso não parece importar e, talvez para um estudante do décimo ano, determinantes sociais ou fatores sociais sejam a mesma coisa. Se eles já podem entender a ideia por trás disso, tudo bem. Para o grupo curricular, poderíamos passar algum tempo abordando isso, porque para os sociólogos, não é o mesmo termo, não nos referimos ao mesmo tipo de sociologia: neste caso temos uma sociologia mais determinista, no outro caso, uma sociologia mais positivista. Os colegas do Ensino Médio entrevistaram tanto do ponto de vista teórico quanto prático, dizendo: "Isso não é possível porque é muito complicado, leva cerca de quatro horas para transmitir este conceito, enquanto que se propuséssemos outro conceito, só precisaríamos de uma hora". Estou exagerando com o tempo, mas essa é a ideia. Então houve um trabalho coletivo sobre as palavras do programa, com *feedback*, às vezes geral, sobre os princípios, como: "a formulação da pergunta não é suficientemente teórica", "não poderíamos colocar nomes de autores?". Portanto, voltamos à antiga discussão sobre se faríamos programas sobre conceitos ou um programa nomeando autores e apresentando suas teorias.

Igor Martinache: A questão da progressividade na aprendizagem nos programas foi levada em conta nos debates?

Muriel Darmon: Sim, foram principalmente os representantes da inspeção geral e os colegas do Ensino Médio que colocaram a questão da progressão, da coerência dos programas, e não os especialistas. Sentimos acima que – estou zombando de nós por dizermos isso – o que importava era que esta ou aquela noção estivesse presente. Sou caricaturada, mas estas são disposições que existem, posturas profissionais. Mas depois fomos levados de volta à questão da progressão do programa, sabendo que também deveríamos levar em conta a liberdade pedagógica dos professores, que nos foi lembrada: as perguntas não são necessariamente ensinadas na ordem em que são apresentadas no programa. Além disso, há uma margem de manobra na maneira de fazer as coisas, mesmo que quando um conceito é incluído no currículo, os professores não tenham a opção de ensiná-lo ou não.

Igor Martinache: As linhas divisórias só passaram entre grupos profissionais, ou também houve dissensões entre os especialistas, entre os inspetores ou entre os professores do Ensino Médio?

Muriel Darmon: Sim, tanto que esta linha de divisão entre grupos profissionais era a que mais explicitamente se opunha, porque era bem sabido que haveria uma tendência a "fazer de especialista" e que isto não era desejável. Lembro de Pierre-Michel Menger, um dos quatro dirigentes, repetir durante as primeiras sessões: "temos que ouvir os professores porque são eles que vão ensinar o programa e que conhecem os alunos". Mas havia muitas outras divisões: entre os professores, nem todos concordavam, por exemplo, sobre a maneira correta de ensinar seu assunto. Falei sobre a APSES, mas havia representantes de outra associação no grupo, com abordagens e alianças diferentes. Penso que a questão disciplinar foi uma linha divisória particularmente forte porque percorreu todos os grupos: entre a inspeção, havia os que eram economistas por formação e os que eram sociólogos, entre os acadêmicos, é claro, assim como entre os professores do Ensino Médio. Apesar de serem de fato os mais versáteis por terem sido treinados em ambas as disciplinas, eles eram os cientistas mais sociais. Mas mesmo assim, na verdade, sabíamos muito bem que um colega era mais economista – e estava mais envolvido

nesta disciplina – e trabalhava em pequenos grupos econômicos; e que outro colega era mais sociólogo, e assim por diante... Portanto, esta questão disciplinar era importante em termos da concepção da disciplina entre os professores. Depois houve a relação entre a inspeção e os professores também, isso foi algo que eu estava descobrindo, eu nunca ensinei no colegial: é uma relação hierárquica que não existe em outro lugar, mas potencialmente conflituosa embora hierárquica. Não é uma hierarquia brutal, há muita discussão. Na inspetoria também, de fato, houve grupos que se reuniram novamente, seja durante as sessões ou depois nas "linhas laterais", na cantina, no café... E também penso muito sobre as correspondências eletrônicas privadas: todos nós tivemos, penso eu – exceto aqueles que estavam muito pouco envolvidos –, uma conversa principal e depois as discussões paralelas nos bastidores, possivelmente discussões estratégicas sobre "como" apresentar as coisas de forma mais eficaz ao coletivo.

Então aí está: houve alianças e algumas negociações particulares, ou, pelo menos, em pequenos grupos, e depois muitas discussões cara a cara, aparentes compromissos, nas discussões coletivas. E, no final, sabíamos que os quatro dirigentes decidiriam. Também sabíamos que uma vez que os programas saíssem de nosso grupo, eles teriam que ser aprovados e poderiam ser modificados em dois níveis: o Conselho Superior de Programas e o Ministério. Lembro-me de apostar com um colega professor que tal e tal formulação saltaria para o nível de Ministério. Perdi minha aposta... E vice-versa para outros. Portanto, em qualquer caso, havia possibilidades de reescrever às pressas. No que diz respeito à liberdade científica, foram coisas que me chocaram: que as coisas discutidas colegialmente, no nível dos conceitos científicos, pudessem ser mudadas no nível político do Ministério. Isso me surpreendeu como socióloga, que vive na ideia de liberdade científica total, pois eu tinha sido surpreendida pela leitura da carta do Ministro, ou pelas hierarquias entre inspetores e professores. Mas foi ingênuo da minha parte, um crime para uma socióloga! E, de fato, não me parece anormal que estes programas sejam pensados acima de tudo do ponto de vista pedagógico, até mesmo político. Depois de um tempo, eu disse a mim mesma que estes programas não deveriam ser feitos por especialistas universitários. Poderíamos apenas dar uma lista de coisas que

consideramos importantes para nos prepararmos para o Ensino Médio, em comparação com os programas universitários do primeiro ano em particular.

Mas, de fato, se é a inspeção geral e os colegas professores do Ensino Médio que decidem sobre os programas, no final do processo, pareceu-me normal. Porque uma vez que me colocaram, uma socióloga que também tem uma ideia muito precisa e situada do tipo de sociologia que deve ser ensinada porque é a mais interessante, a mais dinâmica... me colocaram em um grupo como esse, não posso evitar, é mais forte do que eu, como diria Pierre Bourdieu, para fazer prevalecer essa sociologia! E para que a sociologia, minha disciplina, prevaleça, mesmo sem mencionar minha orientação sociológica. E posso ficar completamente surda para questões de interesse dos alunos, professores, ou para questões políticas sobre o que deveria estar nos currículos do Ensino Médio. Quando estou em debates, todas as minhas disposições profissionais são reativadas, tudo o que me importa é ter a última palavra sobre tal e tal termo, tal e tal formulação... Por exemplo: "determinante social" existe na sociologia; temos que falar de "configurações familiares" ao invés de "famílias" se estamos no capítulo sobre socialização; sobre "práticas" e incorporação ao invés de "valores" ou qualquer outra coisa que subitamente assume extrema importância na minha opinião.

Igor Martinache: Quando você fala da recepção de seu trabalho, você estava antecipando a recepção dos programas pelo público em geral? Porque sabemos que na França há, frequentemente, polêmicas sobre os currículos escolares, na história ou nas ciências da terra e da vida, em torno do ensino do gênero.

Muriel Darmon: Sobre o gênero especificamente, nunca surgiu. Mas esta preocupação estava acima de tudo presente no tema da economia, em torno da introdução de um grande bloco microeconômico, no primeiro notavelmente, que foi muito debatido dentro do grupo, mas que era algo que Philippe Aghion havia anunciado desde o início como parte de seu desejo de atualizar os programas. Ele foi o porta-voz do grupo nestas questões e deu entrevistas à imprensa antes e durante a elaboração dos programas sobre sua visão das coisas. Foi interessante porque tínhamos assinado uma cláusula de confidencialidade, não devíamos nos

pronunciar, e ele, que era o dirigente, o fez. Ao mesmo tempo, ele não revelou nada de secreto. Mais importante ainda, a confidencialidade não era revelar os programas até que fossem tornados públicos e validados pelas hierarquias departamentais, ou seja, o Conselho Superior dos Programas e o Ministério da Educação Nacional. Portanto, eu tinha levado isto muito a sério, e mesmo no comitê executivo da Associação Francesa de Sociologia, quando falei sobre os programas, nunca falei sobre as discussões que tivemos sobre os temas, enquanto que eu teria gostado, teria me ajudado muito ter o ponto de vista dos colegas sobre estas questões, mas me considerava vinculada pelo acordo de confidencialidade que havia assinado. Mas a escolha de Philippe Aghion foi realmente a de se apresentar desde o início como um interlocutor do grupo do programa, em relação aos jornalistas e ao público em geral, a fim de explicar a abordagem, e depois em relação às pessoas que ele poderia considerar que não estariam de acordo com o que ele estava fazendo. Então, lá esteve ele na cara do carvão: estou bastante preparada para lhe dar isso. Ele entrou em contato e discutiu com a Associação de Professores da SES, que não era necessariamente a favor do tipo de atualização curricular do lado econômico que ele estava propondo, e assim ele foi defendê-la, discuti-la e ouvir o que tínhamos a dizer a ele durante todo o processo. Mas sabíamos que estes programas gerariam artigos de imprensa, e já haviam sido publicados em revistas, semanários, *Le Monde*, etc., e sabíamos que eles seriam publicados na imprensa. Em sociologia, temos sempre colegas no exterior que se surpreendem ao ver que o *Monde* pode fazer um artigo sobre "Bourdieu na França hoje" ou os debates internos dentro da disciplina. Então, aí está, esses programas SES são discutidos na esfera pública, na Internet, e nós estávamos cientes disso.

Igor Martinache: Ainda sobre a questão da recepção do currículo: seu trabalho de reescrita fez parte de uma reforma do Liceu onde as séries foram abolidas, entre outras a série “econômica e social”, e as SES se tornam um “curso especializado” em *Première* e *Terminale* a ser escolhido entre outros e com a necessidade de os alunos abandonarem um dos três escolhidos em *Première* ao

passar para Terminale². Esta competição com outras disciplinas e a necessidade de ser atraente para estudantes e famílias foi algo pensado pelo grupo de trabalho?

Muriel Darmon: Estava lá, mas muito mais do lado dos professores secundários e da inspetoria do que do lado dos especialistas, o que, mais uma vez, infelizmente, faz sentido! A reforma da escola secundária era para nós um dado adquirido, o que quer que pensássemos, e iria colocar problemas específicos. Era uma dificuldade adicional que esta reforma da estrutura do Liceu para refletir sobre o currículo: estávamos diante de um mundo escolar que estava mudando de todos os lados ao mesmo tempo, e percebemos que havia alunos que podiam escolher o SES sem fazer matemática e, ao mesmo tempo, alguns queriam fazê-los calcular derivados parciais. Na medida em que a reforma não tinha ocorrido, era um argumento hipotético, mas ainda assim prevaleceu: As coisas não foram adotadas porque exigiam técnicas matemáticas que os estudantes não teriam se não fizessem a matemática primeiro. Isto não simplificou o pensamento curricular.

Igor Martinache: Do lado dos especialistas, houve um equilíbrio entre os representantes das disciplinas, quero dizer, cada um permaneceu dentro de seu campo de competência ou, ao contrário, os economistas se permitiram intervir em questões sociológicas, e vice-versa? Como então ocorreram as discussões em torno das questões transversais, esses objetos transversais?

Muriel Darmon: Quanto à primeira questão, é óbvio que os economistas intervêm mais em questões sociológicas do que o contrário! E uma das coisas que eu disse a mim mesma como presidente da Associação Francesa de Sociologia, e que faria no início, era não deixar passar este tipo de coisa com demasiada frequência. Todas essas lutas, ou todos esses pequenos conflitos, lutas, foi o que eu quis dizer quando falei da maneira como os especialistas poluem o grupo: porque, como resultado, estamos em lutas disciplinares, acadêmicas, nas quais perdemos de vista

² O Liceu na França é dividido em três anos: o primeiro é chamado de “Seconde”, o segundo de “Première” e o último de “Terminale”, no final do qual os alunos faziam o bacharelado, uma espécie de exame misto entre o Enem e o vestibular brasileiros. A partir deste ano, uma grande parte do bacharelado será avaliada de forma contínua durante o ano de Première e o ano de Terminale.

os programas. O principal objetivo para mim foi mostrar aos economistas que a sociologia é uma verdadeira disciplina, séria, científica, e que ela tem coisas a dizer sobre objetos com os quais eles acham que são os únicos com os quais têm direito de lidar. Estes são momentos que não necessariamente fazem avançar a agenda, mas nos quais você não pode deixar de iniciar uma discussão.

Igor Martinache: Você tem exemplos dessas lutas de legitimidade no grupo de trabalho?

Muriel Darmon: Alguns economistas pensam que podem falar sobre a sociedade. Por exemplo, pensam que sabem quem são os estudantes da classe trabalhadora e quais são suas necessidades, porque alguém que se tornará padeiro precisaria aprender como manter a contabilidade segundo sua lógica. Eles criticaram algumas das coisas que eu apresentei, que eu pensava serem verdades científicas, como "muito deterministas". Do meu lado, eu nunca disse: "aí você quer fazer microeconomia porque quer promover a economia neoliberal". Respeitei a disciplina econômica e seus resultados apoiados por pesquisas, estatísticas, etc. Nunca disse: "aí, você quer fazer microeconomia porque quer promover a economia neoliberal". Mais perto desse trabalho, eu provavelmente teria tido muitos exemplos, porque sei que estava pulando pelo menos em todas as outras sessões de grupo sobre coisas como essa. Nas perguntas cruzadas, houve momentos em que fomos levados a dizer um pouco sobre o que era a disciplina dos outros. Por exemplo, durante muito tempo tivemos uma pergunta sobre o consumo que finalmente desapareceu – eu vi com interesse que a culpa era dos novos programas!

Mas é terrível porque acho que havia um consenso de que deveria desaparecer quando estávamos nas duas disciplinas que estavam muito interessadas em falar sobre este tema, mas na verdade não funcionou como uma questão de cruzamento: foi esvaziada de substância, de cruzamento precisamente. E eu a defendi com unhas e dentes por muito tempo antes de me dar conta de que, como havia se tornado, eu não queria mais defendê-la. Porque existiam coisas que não ligavam uma sociologia do consumo, em que eu não reconhecia o que queria fazer pelos estudantes, com uma economia de consumo que também era bastante abstrata. Em resumo, não se cruzou. Enquanto de fato sobre outros temas eu estava

mais cético sobre a priori, no final, havia mais crossover. Estou pensando na questão sobre o empreiteiro. Tenho alguns arrependimentos realmente corporativos, mas este não é um deles: acho que haverá algo interessante a fazer sobre as figuras do empresário que assumiria as questões históricas das ciências sociais sobre formas de trabalho, formas de empreendimento, etc., mas que não desapareceu. Havia, no entanto, coisas que eram fáceis de montar para os colegas e interessantes para os estudantes.

Igor Martinache: Seus lamentos "corporativos" eram sobre o quê?

Muriel Darmon: Muitas coisas com as quais eu me preocupava passaram, de uma forma ou de outra. Por exemplo, sobre socialização: socialização de gênero, socialização de classe e uma visão mais incorporada da socialização, em linha com os desenvolvimentos no campo nos últimos vinte anos. Mas eu queria, questionada ou não, uma pergunta sobre o corpo e a saúde. Porque eu acho que isso funcionaria muito bem com os estudantes do Ensino Médio e é uma questão crucial. Tentarei refazer a sede do grupo em programas se eu for aceita! Há questões históricas que eu achei muito boas, como a mobilidade social, e outras com as quais eu era mais cética: sobre justiça social, para mim, é uma questão transversal na qual não há sociologia, por exemplo. Mas, por enquanto, é uma pergunta que meus colegas do Ensino Médio estavam muito interessados, porque consideravam uma discussão com os alunos, e é verdade que me pareceu importante. Não há muitas perguntas sobre a justiça social ou as desigualdades...

Igor Martinache: Você sentiu alguma resistência dos economistas: sabemos que alguns queriam se livrar de perguntas sobre classes sociais, desigualdades, até mesmo sobre ecologia em uma versão um tanto radical... Você sentiu isso dentro do grupo?

Muriel Darmon: A ecologia não é, mas pode muito bem ser, pois eu não estava particularmente pensando sobre essa questão. Quanto ao resto, um pouco. Mas também com algum tipo de encenação. Eu deveria promover absoluta e

radicalmente estas questões – classes sociais e assim por diante. E depois havia uma espécie de dramatização em que as pessoas tentavam "me acalmar". Desse ponto de vista, eu era uma espécie de "desviante integrada" no sentido do Erving Goffman, mas ainda consegui fazer com que as coisas passassem. Mas houve um momento em que fui levada a entender que "era demais". E nem todos os "especialistas" sociológicos estavam do meu lado. Isso foi feito no debate científico, mas na verdade houve resistência desse lado, mesmo com a ideia de que os programas não devem ser totalmente desequilibrados. Às vezes se dizia em forma codificada: "micro-macro", onde "micro" significava "o indivíduo", e "macro" significava "determinismo". Isto sempre me fez rir muito, porque eu, como socióloga de disposição, trabalho com indivíduos. É que eu não maximizo sua utilidade marginal sob restrição! Foi assim que foi dito com a ideia: "não deveria ser, em economia é tudo micro e em sociologia é tudo macro!". Ao mesmo tempo, em termos de recepção, quando os programas para o segundo e primeiro anos foram revelados, foi amplamente enfatizado no espaço público que as classes sociais haviam desaparecido. Isto veio de certas associações, particularmente sociólogos, próximas à AFS, e eu estava bastante disposta a que isto fosse dito porque para mim não havia o suficiente. Portanto, pensei que quanto mais o disséssemos, mais provável seria que estes temas estivessem presentes no programa do último ano em que estávamos trabalhando. Do meu ponto de vista, foi uma boa pressão. Ao mesmo tempo, estas críticas me pareceram um pouco injustas porque ainda havia "fundo social", "classes sociais", "socialmente situadas" em minha opinião, suficientes para que os professores pudessem trabalhar estas questões, mas me pareceram muito, muito úteis: eu não cheguei ao ponto de levantá-las, mas quase poderia ter feito isso.

Igor Martinache: Com relação aos métodos: o projeto fundador do SES concentrou-se nos métodos ativos, em oposição às palestras, que estão muito presentes na França. Estas considerações estavam presentes no grupo? Além disso, muitos professores do Ensino Médio defendem a ideia de colocar os alunos em uma situação de investigação. Isto parece interessante ou um pouco prematuro nesta idade?

Muriel Darmon: Sim, eu acho que se houvessem horas suficientes dedicadas ao SES no horário dos estudantes – esse é realmente o ponto crucial – seria uma coisa muito boa. Também estive envolvido em programas de tutoria para alunos do Ensino Médio, incluindo um chamado "savanturiers", com uma turma de alunos da primeira série, e realizamos uma espécie de micropesquisa. Tenho colegas que fazem isso com alunos do Ensino Fundamental, em turmas pequenas. E eu acho que é realmente importante. E também dou palestras em escolas secundárias. E, para mim, falar da sociologia como uma disciplina que é praticada através da escrita de livros está realmente faltando a maneira pela qual coletamos materiais. Penso que é muito importante que possamos mostrar-lhes isto, o que não é totalmente possível no contexto atual. Houve bastante discussão sobre o capítulo introdutório no segundo ano, que menciona a profissão de sociólogo, ou economista. Aí tenho uma espécie de pesar, porque apresentar nossa profissão através de um conjunto de princípios teóricos não me parece ser satisfatório. Teria sido melhor fazer isso por meio de operações de pesquisa, por exemplo. Eu havia proposto coisas como "a sociologia é a busca empírica de variações no comportamento individual", e os princípios que as aplicam. Isso não aconteceu em absoluto, mas acho que este lado muito prático seria muito bom. É uma questão diferente da pedagogia indutiva ou não indutiva. Por enquanto, podemos falar de investigação em pedagogia indutiva ou dedutiva, e podemos falar teoricamente de sociologia de forma indutiva ou dedutiva. Esta questão era, sobretudo, o tema de conflitos e desacordos entre os próprios professores, e estava presente sob a invocação da dimensão "científica" da sociologia, com a emissão de hipóteses, a construção de modelos, etc., ao contrário de outras formas de raciocínio e ensino da disciplina que não esta. A referência à ciência, ao caráter científico da sociologia, foi uma das principais formas pelas quais estas questões de pedagogia foram colocadas. Devemos dizer: "as ciências sociais são disciplinas científicas", quais são os princípios científicos, como é feita a ciência? Ou devemos partir de perguntas como "você pode escolher não beijar seu namorado ou não?" ou "O que você pensa sobre isso?" e então, após alguma discussão com os estudantes, chegar ao conceito de norma. Estas são coisas que surgiram, acho que estava muito presente para os professores – eu sabia disso pela família e porque li sobre os professores do SES e o fato de que fazia parte da disciplina como é ensinada

no ensino médio. Mas acho que, para alguns especialistas, era algo que não tinha existência alguma. E a inspeção estava em uma posição intermediária: eles estavam bem conscientes dos debates, mas não tinham a vontade de ir muito longe.

Igor Martinache: Finalmente, você falou da legitimidade da sociologia: sabemos que na França, como no Brasil, ela é atacada no espaço público, acusada de ser uma "pseudociência", demasiado política ou demasiada moralizadora, uma "disciplina de desculpa". Por outro lado, Bernard Lahire disse a um ex-Primeiro Ministro: "o ensino da sociologia no Ensino Médio não é necessariamente evidente e deve ser legitimado aos olhos dos alunos e do público". O que você pensa sobre isso?

Muriel Darmon: Esta é uma grande dificuldade, para os sociólogos que estão mais na minha orientação científica, e ela passa por nossa própria disciplina. Pierre-Michel Menger, por exemplo, participou de um número da revista *Le Débat*³, que fez muito barulho entre os sociólogos, criticando a sociologia atual como sendo muito militante e não suficientemente científica – embora isso não tenha sido exatamente o que ele disse em seu próprio artigo, ao contrário dos outros. Assim, no grupo de desenvolvimento do programa, Pierre-Michel Menger e eu nos encontramos lado a lado defendendo a cientificidade da sociologia, apesar de termos dois pontos de vista muito diferentes sobre ela. Mas, como socióloga, acho importante transmitir a ideia de que estamos lidando com fatos e que estamos dizendo – ou buscando – a verdade sobre o mundo social. Quando dizemos que o sucesso na escola é uma função do próprio passado, por exemplo, e não é uma opinião impulsionada por uma vontade política de despertar as consciências a fim de provocar uma revolução. Estes são fatos que estamos trabalhando o mais próximo possível das ferramentas e dos materiais empíricos que temos para demonstrá-los. E, ao mesmo tempo, estes fatos também são levados em uma sociedade na qual os estudantes participam, e não é a mesma coisa apresentá-los

³ Este é o dossiê "La sociologie au risque du dévoiement" (A sociologia sob risco de desvio), publicado na revista *Le Débat*, nº197, publicado em 2017. Neste dossiê, alguns sociólogos conhecidos na França (como Dominique Schnapper, Nathalie Heinich, Olivier Galland, etc.), mas pertencentes a orientações minoritárias - individualismo metodológico em particular - pegaram a caneta para criticar alguns dos trabalhos de seus colegas e assim procuraram se tornar os "nomotêtes" de sua disciplina, o que não tem sido sem provocar fortes reações na disciplina.

o fato da gravitação e queda dos corpos e apresentar-lhes o fato da relação entre a realização acadêmica e a origem social, quando eles próprios vêm de uma determinada origem. Há agora uma série de trabalhos interessantes sobre a posição particular das ciências sociais do ponto de vista de sua recepção, sobre a tensão envolvida na apresentação desta ciência e as diferentes questões que ela pode cobrir. Não é o mesmo tipo de verdade científica que outras. Isso não tira o fato de ser um, mas pode haver algo mais a fazer quando se ensina, e esta é uma das dificuldades diárias dos professores do SES, quando eles têm que apresentar algumas ou todas as questões do currículo.

Bibliografia das principais obras de Muriel Darmon

Livros

DARMON Muriel. *Becoming anorexic*. A sociological study. Routledge: London, 2016.

DARMON, Muriel. *Classes préparatoires*. La fabrique d'une jeunesse dominante, La Découverte, 2013.

DARMON, Muriel, *La socialisation*. Paris: Armand Colin, 2006.

DARMON, Muriel, *Devenir anorexique*. Une approche sociologique, La Découverte, 2003.

Coordenação de números temáticos em revistas acadêmicas

DARMON Muriel, DULONG Delphine, FAVIER, Elsa. Temps et pouvoir. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 226-227, 2019.

BERTRAND, Julien, COTON, Christel, DARMON Muriel, LIGNIER, Wilfried, NOURIMANGOLD, Sabrina, PASQUALI, Paul, SCHOTTE, Manuel Schotté. Faire l'excellence. *Sociétés Contemporaines*, n. 102, 2016.

DARMON, Muriel HURTUBISE, Roch, QUENIART, Anne. Corps et politiques : entre l'individuel et le collectif. *Lien Social et Politiques*, n. 59, printemps 2008.

DARMON, Muriel, DETREZ, Christine. Corps et société. *Problèmes Politiques et Sociaux*, n. 907, décembre 2004.

Artigos

DARMON, Muriel. The School Form of the Hospital: How Does Social Class Affect Post-stroke Patients in Rehabilitation Units ? *Qualitative Sociology*, vol. 43, n. 2, p. 235-254, 2020.

DARMON, Muriel. Drafting the 'time space'. Attitudes towards time among prep school students, *European Societies*, vol. 20, n. 3, p. 525-548, 2018.

DARMON, Muriel, SCHOTTE, Manuel. Classer des élèves, classer des coureurs : les hiérarchies dans les institutions d'excellence. *Sociétés Contemporaines*, n. 102, p. 45-73, 2016.

DARMON, Muriel. Bourdieu and psychoanalysis: an empirical and textual study of a pas-de-deux. *The Sociological Review*, vol. 64, n. 1, p. 110-128, 2016.

DARMON, Muriel. A People Thinning Institution. Changing bodies and souls in a commercial weight-loss group. *Ethnography* vol. 13, n. 3, p. 375-398, sept. 2012.

DARMON, Muriel. Sélectionner, élire, prédire : le recrutement des entrants en classes préparatoires, *Sociétés Contemporaines*, n. 86, p. 5-29, 2012.

DARMON, Muriel. Des jeunesses singulières. Sociologie de l'ascétisme juvénile. *Agora Débats/Jeunesses*, n. 56, p. 49-62, 2010.

DARMON, Muriel. Surveiller et maigrir. Sociologie des modes de contraintes dans un groupe commercial d'amaigrissement. *Review of Agricultural and Environmental Studies*, vol. 91, n. 2, p. 209-228 2010.

DARMON, Muriel. The Fifth Element: Social Class and the Sociology of Anorexia. *Sociology*, vol. 43, n. 4, p. 717-733, August 2009.

DARMON, Muriel. Variations corporelles. L'anorexie au prisme des sociologies du corps, *Adolescence*, n. 56, p. 437-452, juin 2006.

DARMON, Muriel. Le psychiatre, la sociologue et la boulangère : analyse d'un refus de terrain. *Genèses*, n° 58, p. 98-112, mars 2005.

DARMON, Muriel. La socialisation, entre famille et école. Observation d'une classe de première année de maternelle. *Sociétés & Représentations*, vol. 11, n. 1, p. 515-538, 2001.

DARMON, Muriel Les "entreprises" de la morale familiale. *French Politics, Culture and Society*, vol. 17, n. 3-4, p. 1-19, Summer/Fall 1999.

DARMON, Muriel. La notion de carrière : un instrument interactionniste d'objectivation. *Politix*, vol. 82, n. 2, p. 149-167, 2008.

COMO REFERENCIAR

MARTINACHE, Igor. "Escrever um currículo é um pouco como escrever uma lei". Entrevista com Muriel Darmon, Presidente da Associação Francesa de Sociologia. *Latitude*, Maceió, v.15, edição especial, p.311-332, 2021.